

## O empresário e o intelectual

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Escrito em 20.2.2012. Publicado apenas em  
Bresser-Pereira' Website.*

**The entrepreneur denies that cannot exist a national bourgeoisie in Brazil, while for the intellectual not only the elites but also the people do not think properly.**

No final dos anos 1960 a intelectualidade de esquerda brasileira reagiu ao golpe militar de 1964 com a “teoria da dependência” segundo a qual a grande aliança nacional e desenvolvimentista que Getúlio Vargas liderara desde 1930 seria impossível, porque a burguesia industrial brasileira não seria “nacional”, mas “dependente”. E ao invés de ver em Getúlio Vargas o grande estadista que o Brasil teve no século XX – aquele que conduziu sua revolução nacional e capitalista – transformou-o em mero ditador, não compreendendo que nos anos 1930 não havia ainda condições para a democracia no Brasil.

A sociedade brasileira se dividiria em dois grupos: de um lado os intelectuais comprometidos com o povo e com a revolução, do outro, burgueses dependentes ou coloniais. E dentro da classe capitalista, não haveria diferença entre a burguesia industrial e a mercantil e financeira. Os reflexos dessa tese ainda se refletem no Brasil dos anos 2010. Na *Folha de S. Paulo* de 19 de fevereiro de 2012, domingo de Carnaval, um empresário industrial escreveu: “os sambas-enredo das escolas do Rio e de outras cidades, como São Paulo, seguem, ano a ano, a tradição de exaltar fatos históricos, pessoas, bairros, cidades, regiões e aspectos culturais. É uma verdadeira ópera popular, descrevendo, cantando e dançando os valores e potencialidades do Brasil”. Enquanto o intelectual afirmou: “o povo que compõe sambas-enredo gosta de ordem e progresso, de elogiar presidentes, ditadores e os imperadores idiotas (e escravistas, o que deveria revoltar músicos que não raro foram netos de escravos). O povo do samba & desfiles costumava ser "nacional-

desenvolvimentista" em versão adoidada, mistura de chauvinismo varguista com patriotadas das aulas de moral e cívica da ditadura militar”.

O empresário faz o elogio da cultura popular, enquanto o intelectual a crítica, vê a cultura popular das escolas de samba como expressão do chauvinismo varguista e das patriotadas do regime militar. O empresário desmente a tese que de não há nem pode haver burguesia nacional no Brasil e aposta no acordo nacional entre empresários industriais e trabalhadores, enquanto que o intelectual radicaliza a tese dependentista: não são apenas as elites, é também o povo que não pensa bem. O curioso é que agora o que se critica não é mais o fato da burguesia industrial *não* ser nacionalista, mas é aquilo que estava implícito na teoria da dependência: que a cultura popular é autoritária e chauvinista.

É difícil conciliar essas duas posições. A do empresário está voltada para a construção, a do intelectual, para a crítica. Não é fácil ser nacionalista do ponto de vista econômico no Brasil. É mais fácil sê-lo nos países ricos, onde ninguém tem dúvida que o papel do governo é defender os interesses do trabalho, do capital, e do conhecimento nacionais. E também é mais fácil nos países asiáticos dinâmicos, porque suas elites não se julgam europeias. As elites brasileiras são “nacional-dependentes”; vivem uma permanente ambiguidade e contradição. Mas nos últimos dez anos mudou para melhor. Meu amigo Josué Gomes da Silva expressa bem a renovação e o compromisso com o povo e a nação que volta a orientar a burguesia industrial. Já meu amigo Vinicius Torres Freire é crítico em um mundo em que é tão necessária a crítica, mas julga um político como foi Vargas com os parâmetros de hoje, e quer que o povo seja mais do que ele pode ser. Um dia ele será, mas é preciso apostar nele agora, porque, como disse Ernest Renan, a nação é uma construção de todos os dias.

## **Samba e patriotismo**

**Josué Gomes da Silva**

*Folha de S. Paulo, 19.2.2012*

Tenho orgulho, como ocorre com todas as pessoas nascidas em Ubá, Minas Gerais, de ser conterrâneo de Ary Barroso. Um dos mais brilhantes compositores brasileiros de todos os tempos, locutor esportivo, criador e apresentador de programas de rádio e

bacharel em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ele é um ícone da nossa música.

A cada Carnaval, é inevitável reverenciar a memória desse ubaense emérito, radicado no Rio de Janeiro, onde desenvolveu sua carreira e se converteu em fanático torcedor do Flamengo, paixão que fazia questão de evidenciar nas parciais narrações radiofônicas dos jogos que transmitia.

Com "Aquarela do Brasil", lançada em 1939, Ary Barroso inaugurou o estilo samba-exaltação, que paulatinamente se tornou uma das principais tendências dos enredos carnavalescos no país.

Nesse tipo de música, o mais carioca dos mineiros buscava enfatizar as virtudes da brasilidade, salientando as belezas naturais, a cultura e as qualidades da nossa gente. As letras eram um contraponto à imagem pobre e sofrida da época. Escrevendo canções para filmes de Walt Disney, tornou-se o primeiro compositor brasileiro conhecido nos Estados Unidos.

Penso que um importante legado que Ary Barroso, morto em 9 de fevereiro de 1964, tenha deixado para nós foi a capacidade de reconhecer os diferenciais positivos do Brasil. Afinal, sem autoestima e confiança em sua capacidade, nenhum povo consegue construir uma nação próspera e entrega-se com mais resignação às crises e dificuldades.

Nesse sentido, os sambas-enredo das escolas do Rio e de outras cidades, como São Paulo, seguem, ano a ano, a tradição de exaltar fatos históricos, pessoas, bairros, cidades, regiões e aspectos culturais. É uma verdadeira ópera popular, descrevendo, cantando e dançando os valores e potencialidades do Brasil.

Não se trata, nas músicas de Ary Barroso e nos desfiles, de casual e descompromissado ufanismo. Até porque, em ambos, não faltam momentos de crítica e reflexão. Por mais contraditório e irônico que possa parecer, trata-se, sim, de mostrar ao mundo, na linguagem maravilhosa do samba, que não somos apenas praias, futebol e Carnaval.

Ary Barroso acreditava no conteúdo político da arte e na sua capacidade transformadora. Talvez por isso, em 1946, tenha candidatado-se à Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Foi o segundo vereador mais votado. Que prevaleça o seu exemplo, neste ano de eleições. Obviamente, não me refiro à exigência de que cada ocupante de cargo eletivo seja um compositor ou artista. Estou falando de patriotismo, a mais legítima exaltação dentro ou fora do Carnaval.

## **Carnaval da bajulação do poder**

**Vinicius Torres Freire**

*Folha de S. Paulo, 19.2.2012*

O POVO que compõe sambas-enredo gosta de ordem e progresso, de elogiar presidentes, ditadores e os imperadores idiotas (e escravistas, o que deveria revoltar

músicos que não raro foram netos de escravos). O povo do samba & desfiles costumava ser "nacional-desenvolvimentista" em versão adoidada, mistura de chauvinismo varguista com patriotadas das aulas de moral e cívica ou OSPB da ditadura militar.

Se o enredo era ex-presidente ou o Brasil do futuro, logo vinha versalhada sobre ordem, progresso, petróleo, aço ou Transamazônica. O povo do samba adora petróleo.

Lula virou enredo da Gaviões da Fiel, de São Paulo. Foi canonizado em vida por uma escola grande, privilégio de Getúlio Vargas, que manipulava sambistas, foi ditador e esteve no poder por quase 20 anos.

No samba do Lula não tem pré-sal. Lula ("e o sonho se torna real/ Luiz Inácio o operário nacional") "viu no coração do Brasil/ Tanta desigualdade/ O retrato da realidade/ A utopia buscando a dignidade".

O samba, indizível, quer "comemorar/ a soberania popular" e a vitória pessoal de Lula. Mas parece que o motivo da coisa toda é o fato de o ex-presidente ser corintiano e um ex-pobre invejável ("Cresceu, foi à luta... Pra vencer").

Já houve exaltação mais repulsiva. Em 1956, a Mangueira cantava assim de Getúlio: "Foi ele o presidente mais popular/ Sempre em contato com o povo/ Construindo um Brasil novo/ Trabalhando sem cessar/ Como prova em Volta Redonda a cidade do aço/ Existe a grande siderúrgica nacional / Que tem o seu nome elevado no grande espaço/ Na sua evolução industrial".

Ou seja, "desenvolvimentismo" e elogio do quase-fascismo de GV.

No ano seguinte, a Mangueira cantaria no samba "juscelinista" "Emancipação Nacional, Rumo ao Progresso": "Ó, meu Brasil/ Seu progresso avança/ Sem oscilação/ A cachoeira do Iguaçu/ No futuro será o ponto vital/ da eletricidade nacional". Quase acertaram Itaipu, mas cantavam em seguida:

"Canto a canção da emancipação da minha nação/ Vencendo no terreno educacional/ Marcha o meu país para a soberania universal".

Não rolou.

A Beija-Flor começou a vida entre as escolas grandes do Rio vendendo favores à ditadura e seu Brasil Grande: "É estrada cortando/ A mata em pleno sertão/ É petróleo jorrando/ Com afluência do chão" ("O Brasil no ano 2000", de 1974).

No ano 2000 ele mesmo, a Portela elogiava a época de ouro de cassinos, "vedetes, cadillacs e brilhantina" e, claro, de Getúlio:

"Aclamado pelo povo, o Estado Novo/ Getúlio Vargas anunciou... Nossa indústria cresceu (e lá vou eu...)/ Jorrou petróleo a valer".

O Salgueiro em 1985 também elogiava GV, seu Estado Novo e, claro, o petróleo. "No palácio das Águias foi o senhor/ Levantando o povo trabalhador/ Do solo fez jorrar o negro ouro/ E a usina do aço/ Transformou em um tesouro."

O Império Serrano de 1951 conseguiu falar bem de quase todos os presidentes da República Velha, elogiou o massacre de Canudos e, ainda, a eleição de Getúlio (1950): "Eleito pela soberania do povo/ Sua vitória imponente e altaneira/ Marcará por certo um capítulo novo/ Na história da República brasileira".

Em 2020 ouviremos "Dilma e o mestre-sala do trem-bala?"